

Neoliberalismo como política, onde fica a contestação do Racionais MC'S¹

Danillo Ribeiro dos Santos²

Resumo

O artigo analisa como o rap dos Racionais MC's reflete e tensiona os efeitos do neoliberalismo, especialmente na relação entre consumo, subjetividade e autoafirmação nas periferias. Tendo como objeto a música “Eu Compro” (2014), investiga se o grupo mantém sua função crítica e emancipatória ou se é, em parte, capturado pela lógica neoliberal. A pesquisa, de base qualitativa e análise de discurso, articula os conceitos de cidadania, pertencimento e emancipação racial mediados pelo consumo, fundamentando-se em Sennett, Sodré, Mbembe, Fontenelle e Brown para discutir as transformações sociais e subjetivas contemporâneas.

Palavras-chave

comunicação; consumo; neoliberalismo; racionais mc's; rap

Nas últimas décadas, o avanço da racionalidade neoliberal reconfigurou de maneira profunda as estruturas econômicas, políticas, culturais e subjetivas nas sociedades contemporâneas. Longe de se restringir a uma doutrina econômica, o neoliberalismo se apresenta como um regime de produção de subjetividades, impactando diretamente as formas como os sujeitos percebem a si, seus vínculos sociais e suas práticas cotidianas. Como aponta Wendy Brown (2019), o neoliberalismo é uma racionalidade política que invade todas as esferas da vida, transformando cidadãos em empreendedores de si, deslocando responsabilidades sociais para o indivíduo e enfraquecendo os laços coletivos. Nesse cenário, a mercantilização da existência não se dá apenas nos campos tradicionais da economia, mas se estende à cultura, à afetividade, às relações raciais e de classe.

No Brasil, essas transformações não operam de forma isolada, mas se entrelaçam com os legados da escravidão, do racismo estrutural e das desigualdades históricas que marcam o país. Como observa Muniz Sodré (2019), vivemos em uma “sociedade incivil”, na qual a precarização das instituições democráticas e o avanço de lógicas privatistas e individualizantes impactam de maneira brutal os corpos negros e

¹ Trabalho apresentado no GP02 - Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Práticas do Consumo pelo PPGCOM-ESPM e Mestre em Comunicação e Práticas do Consumo pelo PPGCOM-ESPM; Pesquisador integrante do Grupo de Pesquisa SENSE (Comunicação, Consumo, Imagem e Experiência - ESPM/CNPq) e MNEMON (Memória, Comunicação e Consumo - ESPM/CNPq). Bolsista CAPES PROSUP-Taxas. E-mail: sorgdod@gmail.com

periféricos. A partir desse contexto, emergem dilemas éticos e políticos que atravessam a cultura, a comunicação e as formas de contestação social.

É nesse terreno complexo que se inscreve a trajetória dos Racionais MC'S, grupo paulistano que desde 1988 ao compreender as complexas dinâmicas sociais brasileiras, utiliza o rap como ferramenta de transmissão de mensagem com músicas que mobilizam temas como racismo, miséria e violência, especialmente a violência policial. A obra do Racionais MC'S construiu, ao longo de mais de três décadas, uma narrativa potente que evidencia as contradições da sociedade brasileira, denuncia o genocídio da juventude negra, questiona a ausência do Estado nas periferias e promove a valorização da identidade negra.

No entanto, diante das transformações impostas pela lógica neoliberal — marcada pela captura da cultura *rap*, pela estetização da resistência e pela transformação das subjetividades —, surge a necessidade de refletir sobre os deslocamentos que atravessam a obra do grupo. A problematização central deste artigo reside em compreender como a racionalidade neoliberal impacta as formas de expressão, resistência e subjetivação presentes na obra dos Racionais MC's, especialmente na faixa “Eu Compro”, do álbum *Cores & Valores* (2014). Essa música, lançada em um momento em que o Brasil vivenciava uma aparente ascensão econômica, com ampliação do consumo por parte das classes populares, suscita reflexões profundas sobre o lugar do consumo na construção da cidadania, da autoestima e da emancipação da população negra.

Partindo desse ponto, o problema que orienta este trabalho pode ser formulado nos seguintes termos: a incorporação do discurso do consumo, presente na faixa “Eu Compro”, representa uma estratégia de emancipação racial e afirmação de cidadania, ou reflete uma adesão — consciente ou não — à lógica da subjetividade neoliberal, na qual o sujeito se legitima prioritariamente por meio do poder de compra? Essa questão se torna ainda mais relevante quando observamos que, sob a lógica neoliberal, as práticas culturais e comunicacionais passam a operar simultaneamente como formas de resistência e como mercadorias inseridas na lógica do mercado.

Metodologicamente, a pesquisa se apoia em três instrumentos principais:

(1) Análise historiográfica da trajetória dos Racionais MC's, buscando compreender como suas obras se posicionaram em diferentes contextos sociais e

econômicos desde os anos 1990; (2) Análise discursiva da faixa “Eu Compró”, considerando os elementos textuais, simbólicos e contextuais presentes na música, visando identificar como o discurso do consumo é mobilizado; (3) Articulação teórica com os estudos sobre neoliberalismo e cultura, de modo a situar a análise dentro dos debates acadêmicos contemporâneos sobre subjetividade, consumo e resistência.

Dessa forma, o artigo não pretende oferecer respostas definitivas, mas propor uma reflexão crítica sobre os desafios e as ambivalências que atravessam a produção cultural no contexto neoliberal, especialmente quando se trata de manifestações que historicamente operaram como ferramentas de resistência, como o rap e, particularmente, da obra dos Racionais MC’s. A questão que guia esta reflexão é: a busca por reconhecimento por meio do consumo pode ser entendida como uma estratégia de emancipação, ou se trata, na verdade, de um sintoma da captura da subjetividade negra e periférica pela racionalidade neoliberal?

Racionais MC’S “A voz ativa de um povo que é discriminado”.

A trajetória dos Racionais MC’s, é atualmente lida como um documento vivo das transformações sociais, políticas, culturais e econômicas do Brasil nas últimas três décadas. Desde o início dos anos 1990, sua obra performa uma leitura crítica da sociedade, denunciando as estruturas do racismo, da desigualdade e da violência de Estado. Contudo, à medida que o neoliberalismo avança, não apenas como modelo econômico, mas como racionalidade que produz sujeitos, desejos e formas de vida, os próprios sentidos de contestação e resistência também passam a ser atravessados por tensões, contradições e dilemas.

No início da década de 1990, o grupo surge na cidade de São Paulo, em um Brasil recém-saído da ditadura, ainda em processo de redemocratização, lembrando que a constituinte é de 1988, assolado pela violência urbana, pelo racismo estrutural e pela ausência do Estado nas periferias. O rap como música da cultura hip-hop ainda se ampara nas máximas de solidariedade, cooperação e um quê de faça-você-mesmo oriundo do punk rock, também vindo dessa outra subcultura nova-iorquina, e por isso vale citar uma das maiores referências e criadoras do hip-hop, Afrika Bambaataa:

Quando nós criamos o hip-hop, o fizemos esperando que seria em função da paz, do amor, união e diversão e que as pessoas se afastassem da negatividade

que estava contaminando nossas ruas [...]. Embora esta negatividade ainda aconteça aqui e ali, à medida que a cultura cresce, nós desempenhamos um grande papel na resolução de conflitos e no cumprimento da positividade. (BAMBAATAA apud LEAL, 2007: 26 e 27).

A juventude negra que circulava por bailes na noite paulista como Chic-Show, Black Mad, Asa Branca e outras casas são acolhidas por outros grupos sociais e em grande medida marginalizados como o GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra e o Partido dos Trabalhadores (PT). É nesse contexto que surgem as faixas “Pânico na Zona Sul” e “Racistas Otários” (1990) do álbum “Holocausto Urbano”. Ambas são marcadas por um discurso de denúncia direta: o enfrentamento à brutalidade policial, à criminalização da população negra e à marginalização dos sujeitos periféricos. Aqui, a filosofia neoliberal já se fazia presente no Brasil, ainda que em fase inicial, a partir das reformas econômicas e do desmonte progressivo dos pactos sociais, pois o neoliberalismo não apenas enfraquece as instituições públicas, mas também reorganiza a vida social sob a lógica do mercado, transferindo para os indivíduos a responsabilidade pela própria sobrevivência Brown (2019). Isso é explicitamente denunciado em “Pânico na Zona Sul”, onde a sobrevivência é narrada como um ato diário de resistência contra uma cidade que, além de não oferecer direitos, responde o viver com repressão. As faixas “Voz Ativa” e “Negro Limitado” (1992) consolidam essa perspectiva, deslocando o foco da mera denúncia para a afirmação da identidade negra e periférica. Em “Negro Limitado”, o grupo discute os limites impostos ao corpo negro pela sociedade brasileira, que restringe seus espaços de mobilidade, de pertencimento e de ascensão. A letra antecipa o que Achille Mbembe descreve como a permanência dos dispositivos coloniais no mundo contemporâneo, na qual o negro segue sendo produzido como uma vida descartável, como aquele cuja existência é administrada por meio da precarização, da vigilância e do controle.

A radicalização do discurso dos Racionais encontra seu auge em faixas como “Homem na Estrada” e “Júri Racional” (1993). “Homem na Estrada” é um marco na musicografia brasileira, pois desloca o sujeito periférico de uma posição marginal para uma posição de protagonismo narrativo, evidenciando a luta cotidiana pela sobrevivência. Esse percurso é, no entanto, continuamente frustrado pelas estruturas racistas e pela ausência do Estado (Mbembe, 2020) ajuda a compreender essa lógica como um projeto necropolítico, no qual determinados corpos são administrados não

pela garantia da vida, mas pela gestão da morte — seja pela ação direta do Estado, seja pela omissão. Essa realidade, descrita na década de 1990, se conecta com a crítica de Muniz Sodré (2019) sobre a “sociedade incivil”, em que as práticas políticas se esvaziam e são substituídas pela violência direta, pela lógica securitária e pela guerra declarada contra os pobres e os negros:

Isso implica uma ordem sociopolítica baseada num tipo de relação que predica a concorrência sem travas entre indivíduos supostamente soberanos e dá as costas à desigualdade social. A sociedade civil, outrora cenário principal do jogo político entre instituições, organizações e Estado, é progressivamente redefinida por organizações privadas que encarnam o mercado como teodiceia e como processo de produção de subjetividades. (SODRÉ, 2021: 89).

Em “Júri Racional” (1993), a criminalização do negro é evidente, antecipando a lógica neoliberal da criminalização da pobreza e individualização do fracasso social, conforme Brown (2019). “Sobrevivendo no Inferno” (1997) é um marco. “Diário de um Detento” (1997) denuncia o necropolítico encarceramento em massa e extermínio da juventude negra, inspirado no Massacre do Carandiru (1992), exemplificando as tecnologias da morte de Mbembe (2020). Já “Periferia é Periferia” celebra a identidade coletiva e a marginalidade como resistência.

A cultura do novo capitalismo gera tensão: o sujeito é instado a performar e inovar, mas espaços precarizados impedem, resultando em frustração (Sennett, 2006). Em 2002, Racionais MC's lançou "Nada Como Um Dia Após o Outro Dia", abordando transformações sociais, políticas e econômicas do Brasil, com faixas como “Vida Loka, Pt.1” e “Negro Drama” evidenciando essas ambivalências.

Em “Negro Drama” (2002), o Racionais MC's analisa a posição do negro no Brasil, abordando a exclusão física, simbólica e econômica. O drama é a busca por inserção numa sociedade que exige sucesso individual, onde consumo e espetáculo são ferramentas de subjetivação, como aponta Isleide Fontenelle (2022). Já em “1 por Amor, 2 por Dinheiro”, explicita-se a tensão entre valores coletivos e preceitos neoliberais.

A fragilização dos laços sociais, a descrença nas instituições e a mercantilização da existência, descritas por Sennett (2006) como o dilema do capitalismo flexível, são abordadas em "Vida Loka, Pt.1". A canção explora a busca por dignidade em meio aos

obstáculos do empreendedorismo individual, ascensão pessoal e validação social pelo consumo. A distância de 12 anos entre "Nada Como Um Dia Após o Outro Dia" e "Cores e Valores" reflete uma mudança de Brasil e racionalidade política.

Apesar do lançamento de *Cores & Valores* (2014) ter desagradado muitos fãs, marcando uma inflexão na trajetória do grupo, o álbum se diferencia dos trabalhos anteriores do grupo, com faixas curtas, sonoridade eletrônica e rítmica, e poucos samples. As faixas "Cores & Valores", "Somos o Que Somos", "Cores & Valores (Preto e Amarelo)" e "Trilha" não somam quatro minutos. Além da duração das faixas e timbres, a letra de "Eu Comprô" (2004) também foi alvo de críticas.

Racionais MC's "Na mão de favelado é mó *guela*"

A voz mais marcante e menos protagonista do grupo pertence a Paulo Eduardo Salvador, o Ice Blue, conhecido por interpretar personagens que interrogam e se opõem as reflexões de Edi Rock e Mano Brown. Em "Eu Comprô" (2014), Ice Blue partilha a faixa com Sandrão do grupo RZO, vejamos a letra:

Olha só aquele shopping, que da hora!
Uns moleques na frente pedindo esmola
De pé no chão, mal vestido, sem comer
Será que alguns que estão ali irão vencer?
Minha ambição tá na pista, pode pá que eu encosto
BM branca e preta, M3 com as roda cinza eu gosto
Os nego chato no rolê de Mercedes
Apenas dois, três, quatro é foda poucos pensam
Que seu sonho de ter a Fireblade vermelha
Repsol CBR, uma VMAX, um apê
R8 GT ou uma Porsche Carrera
Pôr no pulso um Zenith ou um Patek Philippe
Um pingente de ouro com diamante e safira
No pescoço um cordão, os bico vê e não acredita
Que o neguinho sem pai que insiste pode até chegar
Entra na loja, ver uma nave zera e dizer

"Eu quero, eu compro e sem desconto!", à vista

Mesmo podendo pagar

Tenha certeza que vão desconfiar

Pois o racismo é disfarçado há muito séculos

Não aceita o seu status nem sua cor

A primeira parte da música apresenta uma perspectiva materialista e aspiracional. O sujeito, ciente dos problemas sociais, busca adquirir bens para se afirmar, mesmo que isso cause desconforto. A letra remete ao Funk Ostentação de 2014, um gênero originado na Baixada Santista e Rio de Janeiro, com MCs como Cid, Doka, Felipe Boladão, Da Leste, Guimê e Boy do Charms.

A depender do arquivo e do repertório do ouvinte, para lembrar da majestosa obra de Diana Taylor, há uma difícil tarefa em compreender do que Ice Blue está se referindo: BM, e M3? Fireblade vermelha e Repsol CBR? As pistas estão nos termos “apê” como redução da palavra apartamento ou a menção do “pulso”, necessário para o uso do relógio referido. São objetos, bens de consumos e de alto valor. Apenas para exemplo, não encontramos o valor do veículo BMW M3 de 2014, mas considerando o verso “Entra na loja, ver uma nave zero e dizer, Eu quero, eu compro e sem desconto!, a vista”, o comprador terá que valer-se de R\$892.500 (oitocentos e noventa e dois mil e quinhentos reais) para comprar o veículo, aqui usando o modelo 2025 de referência³, ou aproximadamente 588 salários mínimos, renda de mais de 60% da população brasileira⁴.

No refrão a faixa repete versos indicando bens de alto valor como mansões, roupas de grife e a ausência de limite de crédito ou de renda, a perceber o conjunto de versos da primeira estrofe, mas com um adicional: a voz de Mano Brown repetindo “Não mão de favelado é mó guela”, que pode ser percebido na canção “Dinheiro na mão é vendaval” (1975) de Paulinho da Viola, que indica que o dinheiro ganho pode ser gasto de modo rápido.

³ Disponível em:

https://www.bmw.com.br/pt/all-models/m-series/bmw-3-series-m-models/bmw-m3-seda.html#:~:text=O%20BMW%20M3%20COMPETITION.&text=*Pre%C3%A7o%20p%C3%BAblico%20sugerido%20do%20BMW,Autorizada%20BMW%20de%20sua%20prefer%C3%A2ncia. . Acesso em: 15 de jun. 2025

⁴ Disponível em:

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2023/12/06/ibge-60-pontos-percentuais-dos-brasileiros-vivem-com-at-1-salario-mnimo-por-ms.ghtml> . Acesso em: 15 de jun. 2025

A faixa “Eu Compro” sintetiza as contradições acumuladas: de um lado, a conquista simbólica do poder de compra pela população negra periférica como afirmação de dignidade e cidadania; de outro, a aderência, ainda que crítica às lógicas do neoliberalismo, nas quais o sujeito se constitui como consumidor e sua legitimidade social passa a ser mediada pelo acesso aos bens materiais. Na segunda estrofe, Ice Blue canta:

"Fique rico ou Morra tentando", assim falou 50 Cent
Sem ter como, sem dinheiro cê não entra no game
E no corre do cash tem que ganhar mais que perder
Financiar o seu sonho e acreditar em você
Seu limite cê que sabe, quer chegar aonde?
Ter helicóptero no iate, conquiste sua condição
Sem trauma, malandragem é viver
Depois que aposentar não pode mais sofrer
O que todos almejam é patrimônio e riqueza
Pro favela é proeza ostentar a nobreza
Viajar, conforto, tem que ser primeira classe!
Hotel cinco estrelas em Miami na night gastar
Os nego quer algo mais do que um barraco pra dormir

Aqui, Ice Blue se vale do exemplo do rapper norte-americano 50 Cent e seu filme “Get Rich or Die Tryin”, de 2005. A leitura é uma das muitas que ascende diariamente a ordem neoliberal: a individualização. O desmantelamento das políticas de bem-estar social são facilitadoras para esse sentimento (Brown, 2019), o rapper afirma “Seu limite cê que sabe, quer chegar aonde?”, e sugere mais possibilidades de exercer uma cidadania lastreada nas condições materiais e econômicas “Ter helicóptero no iate, conquiste sua condição”, mas insere a crítica, ainda que mínima: “Os nego quer algo mais do que um barraco pra dormir”, mais um verso que passa ao ouvinte uma certa semelhança com os versos que cantam Os Titãs: “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte. A gente não quer só comida, a gente quer saída para qualquer parte”.

Ainda que o grupo de rock apresente um manifesto, “Eu Compro”, em conjunto com o álbum, exerce seu papel em uma leitura que não critica o sujeito em busca de condições melhores de vida, mas se propõe como leitura de seu tempo, um tempo neoliberal.

A canção “Eu Compro” sintetiza as contradições acumuladas: por um lado, a conquista simbólica do poder de compra pela população negra periférica como afirmação de dignidade e cidadania; por outro, a adesão — ainda que crítica — às lógicas do neoliberalismo, nas quais o indivíduo se constitui como consumidor e sua legitimidade social é mediada pelo acesso a bens materiais. Para Fontenelle (2022), essa transformação do consumo em operador das paixões e da subjetividade é um dos aspectos mais cruéis do capitalismo contemporâneo, pois ao mesmo tempo que oferece a promessa de reconhecimento e pertencimento, também captura os sujeitos numa lógica permanente de insatisfação, dívida e performance constante.

Wendy Brown (2019) argumenta que a cidadania se torna um privilégio individual no neoliberalismo, transformando a resistência coletiva em disputa pessoal por proeminência. O álbum "Cores & Valores" (2014) dos Racionais MC's reflete as mudanças do Brasil no século XXI, abordando progressos sociais e a apropriação neoliberal.

De 2003 a 2014, o Brasil experimentou crescimento econômico e redução da pobreza, com ampliação do acesso à educação. Políticas do governo Lula (2003-2010), como aumento do salário mínimo e programas como Prouni, Fies e expansão dos Institutos Federais, permitiram que jovens negros de periferias acessassem o ensino superior, o mercado de trabalho formal e posições de liderança, um marco na história brasileira.

A mobilidade social da população negra periférica, embora represente um avanço ao garantir acesso ao ensino superior e a posições antes inatingíveis, ocorreu em paralelo à lógica neoliberal. Esta, conforme Wendy Brown (2019), transforma o indivíduo em um empreendedor de si, transferindo a responsabilidade das estruturas coletivas para a esfera individual, exigindo performance e produtividade.

A partir de 2015, a proliferação de plataformas digitais (Uber, iFood) impulsionou a "uberização do trabalho", precarizando relações laborais, isentando empregadores de responsabilidades e transferindo riscos aos trabalhadores. A reforma

trabalhista de 2017, ao acabar com a contribuição sindical obrigatória, simboliza o desmantelamento de direitos e o enfraquecimento de vínculos coletivos, processo que, segundo Muniz Sodré (2019), integra o avanço da "sociedade incivil", onde o espaço público é corroído e a solidariedade é substituída pela competição.

O álbum "Cores & Valores" dos Racionais MC's, especialmente a faixa "Eu Compro", aborda o consumo e a posse de bens de luxo não como mera ostentação, mas como reflexo das transformações subjetivas da população negra, inserida no mercado e consumo, e na precarização. O álbum não rompe com a história de denúncia do grupo, mas sim interpreta criticamente a contemporaneidade, as ambiguidades da população negra periférica que, mesmo alcançando direitos, se vê mercantilizada na vida, cultura e afetos.

Em síntese, Cores & Valores constitui uma obra que manifesta o colapso e a subsequente transformação de paradigmas. Não obstante, a crítica não é negligenciada; antes, é transposta para um plano distinto: aquele em que a própria viabilidade de resistência se torna objeto de reflexão, em meio às lógicas da plataformização, da uberização, do consumo enquanto performatividade e da desintegração dos laços coletivos. O que os Racionais nos oferecem é uma interpretação de sua época, que se revela desconfortável, austera e contraditória — e, precisamente por essa razão, intrinsecamente necessária.

Referências:

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. Tradução de Camila Fernandes. São Paulo: Editora Politécnica, 2019.

FONTENELLE, Isleide. **Dilemas éticos na cultura do consumo: antropoceno, psicanálise e capitalismo como modo de operação das paixões**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.

MBEMBE, Achille. **A era do humanismo está terminando**. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: n-1 edições, 2020.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Record, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil: mídia, discurso e política na atualidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.